

## OS METAPLASMOS E OS TRATADISTAS LATINOS

GUARANICIBA JEZUS GUIMARÃES BERALDO \*

### INTRODUÇÃO

Em Roma, através do convívio com o mundo grego, a partir do século III a.C. o povo conquistado reconhece a supremacia cultural grega, busca os fundamentos filosóficos, literários, filológicos e gramaticais, aplica-os em sua língua e cultura e, com o tempo se aprimora buscando ser autêntico. Nessa busca, os filólogos romanos se tornam homens sábios, críticos das obras dos tratadistas e poetas de seu tempo e contribuintes da transmissão da herança cultural greco-romana para o mundo.

Os ensinamentos gregos aos romanos deram-se do contato com a civilização na Magna Grécia em 272 a.C. através da conquista territorial pelos romanos, cujo principal centro cultural é invadido, espoliado de seus bens e homens. O contato com os gregos possibilitou a transformação da língua arcaica de Roma em um latim clássico, em uma língua culta, que evitava vulgarismos e empréstimos, e por isso incompatível com a outra modalidade desse latim, a de uso diário falada pela classe plebéia.

À medida que o Estado crescia, crescia também a necessidade de uma língua única tendo sob seu domínio todo o Império Romano.

As figuras de Mário Plótio, Carísio, Diomedes e Prisciano são também de reconhecimento, pois contribuíram para o conhecimento da estrutura da própria língua, da fixação da terminologia gramatical oriunda da civilização grega e da resistência da norma culta do latim clássico em face da língua popular do Império. Influenciaram a tradição lingüística greco-latina e muito contribuíram para a ciência da linguagem do mundo ocidental.

Segundo Carísio os Metaplasmos são tratados pelos latinos como figuras: “*Metaplasmo* é uma expressão figurada dita de modo diferentemente da que se deveria, por causa da métrica ou do estilo”. Confirma também Mário Plótio: “*Metaplasmo* ou *figura* é

---

\* Pós-graduanda na USP, Professora de terceiro grau, advogada militante, ex-diretora de escola, pedagoga, redatora e corretora em algumas faculdades, trabalha com disléxicos - Formada em Letras, Pedagogia e Direito. Especialista em Língua Portuguesa pela UNITAU.

uma expressão formada de modo diferente do que deveria por causa da métrica ou do estilo”.

De acordo com a etimologia do termo, *Metaplasmo* é uma *transformação da forma da palavra* devido às necessidades da métrica ou à busca estilística e beleza literária.

Para alguns tratadistas e gramáticos latinos, as *transformações* eram *vícios* de linguagem decorrentes da língua vulgar de Roma.

Quanto aos *barbarismos*, Marcos Plótio explica como os gramáticos romanos percebiam essas diferenças na língua, descrevendo o que seriam esses *barbarismos*, fazendo uma diferenciação na qual se incluem os *Metaplasmos*.

Os gramáticos latinos determinam como *metaplasmos* as 14 figuras: prótese, epêntese, paragoge, aférese, síncope, apócope, ectase, sístole, diérese, antítese, sinalefa, eclipse, metátese e epsinalefa.

Observamos, em uma análise da compreensão dos *metaplasmos* entre os estudiosos romanos, que tais *alterações* se faziam em relação ao acréscimo ou à subtração de “letra” ou de “sílabas” na palavra e **não** por fonema, como hoje são percebidas. Os tratadistas da Antiguidade não distinguiam os sons ou fonemas de suas representações gráficas, por isso, ver caso a caso de que aspecto cada um está falando.

## METAPLASMOS POR AUMENTO

### 1. PRÓTESE

Esse *metaplasmo* recebe poucas diferenciações no nome, de acordo com a transcrição dos comentários dos gramáticos latinos. Para Carísio:

“Prótese é aquele metaplasmo geral que consiste em acréscimo convenientemente assim dividido: trata-se de prótese sempre que se acrescenta ao início da palavra uma letra ou uma sílaba: uma letra, como em *gnato* por *nato*, em *Turnum gnatoque patrique* (“Turno tanto para o filho como para o pai”);

Uma sílaba, como em *tetuli* por *tuli*, em *Conciturum tetuli gradum*.” Para Donato: “Prótese é uma aposição ao princípio da palavra, de letra ou de sílaba, como *gnato* por *nato*; *tetulit* por *tulit*.”

Para Mário Plótio: “Existe prótese quando há ou uma letra ou uma sílaba a mais na primeira parte da palavra; uma letra, como em *gnatique* por *natique*, uma sílaba como em *tetulisset pedem* por *tulisset*.” Ele como outros autores, recorreu aos mesmos exemplos extraídos dos clássicos, buscados no gramático Valério Probo.

Diomedes (Vol I, p. 440-443) também trabalha os *Metaplasmos* e quase não foge à regra das exemplificações retiradas dos clássicos.

## 2. PARÊNTESE OU EPÊNTESE

Para Carísio:

Existe parêntese quando a primeira e a última sílaba é acrescentada uma letra ou sílaba: uma letra, como em *hac casti maneant in relligione nepotes* (“por esta permaneçam íntegros os netos na religião”) por *relligione*; uma sílaba, como “*Mavortis in antro*” (“na caverna de Marte”) por *Martis*, e *induperator* por *imperator*.

Para Donato:

Epêntese é um acréscimo de uma letra ou de uma sílaba ao meio da palavra como *relliquias* por *reliquias*, *induperator* por *imperator*. Uns denominam, esse acréscimo de *epêntese* e outros, de *parêntese*.

Para Mário Plótio:

Existe epêntese, quando se acrescenta, no interior da palavra, ou uma letra, como *relliquias* (por *reliquias*), ou uma sílaba, como *Mavors* (por *Mars*).

Devemos observar que Donato e Mário não comentam *parêntese* como sinônimo de *epêntese*. Infere-se que a preferência por *epêntese* é antiga, enquanto *parêntese* assumiu outra acepção, como temos hoje.

## 3. PARAGOGE (OU PROSPARALEPSIS)

Para Carísio “Existe proparalepse quando algo se acrescenta à última para da palavra, como *admittier orant* por *admitti*. De modo similar, define Donato: “Paragoge é um acréscimo, ao fim da palavra, de uma letra ou de uma sílaba, como *magis* por *mage* e *potestur* por *potest*. Outros a chamam proparalepse” e também Mário Plótio: “Existe paragoge quando uma sílaba é adicionada ao fim da palavra, como *admitter orant*.”

#### 4. AFÉRESE

Assim como a *prótese*, também a *aférese* é chamada de *Metaplasmo geral* porém, agora pela subtração de letra ou sílaba na palavra.

Para Carísio: “Aférese é igualmente um metaplasmo geral, que se dá por subtração; mas especialmente isso é observado na primeira parte da palavra, como “*temnere divos*” por *contemnere* (“desprezar os deuses”). Para Donato: “Aférese é uma supressão no princípio da palavra, ao contrário da prótese, como *mitte* por *omittte*, *temno* por *contemno*.”

Para Mário Plótio: “Aférese acontece quando uma sílaba é suprimida na primeira parte da palavra, como *linquere* (por *relinquere*, “abandonar”).”

#### 5. SÍNCOPE

Para Carísio: “Síncope consiste em suprimir algo no interior da palavra como em *extinxti te meque, sóror*, (“destruíste, irmã, a tia e mim”) por *extinxisti*.” Para Donato: “Síncope é uma supressão no meio da palavra, contrária à epêntese, como *audacter* por *audaciter*, *commorat* por *commoverat*.” Para Mário Plótio: “Há síncope quando do interior da palavra é subtraída uma letra, como *oraclum* (por *oraculum*), ou uma sílaba, como *vixet* (por *vixisset*).”

#### 6. APÓCOPE

Para Donato, “Apócope é uma supressão do fim da palavra, ao contrário da paragoge, como *Achili* por *Achillis* e *pote* por *potest*.” Para Mário Plótio: “Há apócope quando, no fim da palavra, é subtraída uma sílaba, como em *luxuriat* por *luxuriatur* e em *luctat* por *luctatur*.” E para Carísio: “Há apócope quando da última parte da palavra é tirada uma letra ou sílaba: letra, como *aspice num magi sit nostrum penetrabile telum* por *magis*; sílaba, como: “*endo suam* (por *domum*. “casa”).”

As demais *alterações*, abaixo descritas, foram também descritas pelos latinos, e percebidas por outros fatos que não por acréscimo ou por supressão de “letras” ou de sílabas. São citadas ao final, já que não têm correspondentes nas línguas neolatinas, por se tratarem de alongamento ou abreviação da qualidade de sílabas, característica vocálica que as línguas românicas substituíram pelo acento de intensidade.

## 7. METÁTESE

Para Carísio: “Metátese é a mudança na ordem das letras, como em *nam tibi, Thymbre caput Euandrius abstulit ensis*, pois pela regra se diz Thymber ( e não Thymbre).”

## 8. DIÉRESE

Para Carísio: “Há diérese quando uma sílaba é dividida em duas, como, “*pictai (pic-ta-i) vestir*” por *pictae ( pic-tae)*.” Para Donato: “Diérese é a divisão de uma sílaba única em duas partes, como *olli respondit rex Albai Longai* (Al-ba-i Lon-ga-i).”

O exemplo de Donato de *diérese* é uma figura poética trabalhada por Ênio nos Anais (I,34). Mário Plótio não inclui a *diérese* entre os *Metaplasmos*.

## 9. EPSINALEFA

Para Carísio: “Epsinalefa é transformar duas sílabas em apenas uma, como *fixerit aeripedem cervam licet*, quando tenhamos de pronunciar *aeripedem* com cinco sílabas (a-e-ri-pe-dem).” Para Donato: “Epsinalefa é a aglutinação de duas sílabas em uma única, contrariamente à diérese, como *Phaeton (Phae-ton)* por *Phaëton (Pha-e-ton)*, *Nerei (Nerei)* por *Nerëi (Ne-re-i)* *aeripedem (ae-ri-pe-dem)* por *aëripedem (a-e-r-pe-dem)*. Para Mário Plótio: “Ocorre a episinalefa ou sinérese quando se reduz a emissão de várias sílabas em um número menor, como em *fixerunt aeripidem (ae-ri-pe-dem)* e *Oelides (Oe-li-des)* por *aeripedem(a-e-ri-pe-dem)* e *Aeolides (Ae-o-li-des)*.”

A epsinalefa é a figura contrária à diérese e formada por força poética pela aglutinação de duas ou mais sílabas em um número menor, como na redução da primeira sílaba, segundo Carísio, Donato e Mário Plótio.

## 10. SINALEFA

Para Carísio: “Sinalefa é a elisão de uma vogal devido à proximidade de outra, como, *atque ea diversa penitus dum parte geruntur*. Em que a letra *e* deve ser eliminada.” Para Donato: “A sinalefa consiste numa fusão leve mas difícil através da eliminação de vogais sucessivas, como em *atque ea diversa penitus dum parte geruntur (atqu’ea)*. Por alguns é chamada de síncrize.”

Para Mário Plótio: “A sinalefa ocorre, quando se faz a elisão dos primeiros sempre que houve confluência de sons iguais.” A *sinalefa*, também chamada *síncrize*, é percebida por esses estudiosos como a elisão ou fusão de vogais por se posicionarem próxima uma da outra.

## 11. ECTHLIPSIS

Para Carísio: “A ecthlipsis se dá quando, de duas palavras, que se encontram de modo áspero, uma ou mais consoantes é elidida, como em *multum ille et terris iactatus et alto (mul’ill’et...)* por apenas *multum*.”

Para Donato: “Ecthlipsis é um certo corte duro e difícil de consoantes em uma desagradável seqüência com vogais como em *multum ille et terris iactatus et alto (mult’ill’et...)*.”

Para Mário Plótio: “A respeito dessa figura é inútil dizer que é igual à sinalefa. Contudo, alguns pretenderam fazer distinção entre a sinalefa e a ectilipse, afirmando que a sinalefa se dá com as vogais e a ectilipse com as consoantes.”

Carísio e Donato demonstram a necessidade da elaboração dessa figura na poética, quando o encontro, não muito agradável de consoantes, determina a elisão de uma delas, em busca de melhor sonoridade e por necessidade métrica.

O comentário de Mário Plótio, apesar de transparecer sua não-concordância com esse posicionamento, esclarece a oposição entre a ectilipse e sinalefa.

## 12. ANTÍTESE

Para Carísio: “Antítese é a troca de uma letra por outra, como em *impete nunc vasto ceu concitus imbribus amnis* por *impetu*.” Para os estudiosos latinos, essa figura poética consistia na troca de uma “letra” por outra em uma palavra. O exemplo de Carísio, retirado de Ovídio, *Metamorfose III,79*. Donato e Mário Plótio definem a antítese da mesma maneira que Carísio, porém o primeiro ainda exemplifica com a troca de “letras” no uso da palavra *olli* por *illi*.

### 13. PRÓTESE-PARALAGE

Para Mário Plótio: “Ocorre a prótese-paralage quando se usa uma preposição por outras, como em *cui tamtum de te licuit*, em vez de *in te*.”

Essa figura não é registrada por Carísio e por Donato. Porém, a encontramos com o mesmo sentido e exemplificação em Diomedes.

### 14. ECTASE

Para Carísio: “Ectase ocorre quando a sílaba breve é alongada contra a regra, como *xercet Diana chorus*, e *versa pulvis inscribitur hasta*.” Para Donato: “Ectase é o alongamento da sílaba contra a natureza da palavra, como “*Italiam fato profugus*”, quando *Itália* deve ser pronunciada breve.”

### 15. SYSTOLE

Para Carísio: “Ocorre a sístole quando a sílaba longa é abreviada contra a norma, como em *urbemque Fidenam*; quando a primeira sílaba (ur-) deveria ser longa (por ser seguida por duas consoantes).”

Para Donato: “Sístole, contrariamente à éctase, é a pronúnciação breve, como “*aquosus Orion*” quando *Orion* deveria ser pronunciada longa.” Para Mario Plótio: “Há sístole quando a sílaba longa é abreviada por causa da métrica contrariamente à regra, como em *steteruntque comae* por *steterunt*.”

Essas duas últimas figuras observadas na língua latina (*ectase* e *sístole*) não têm e nem poderiam ter correspondentes nas línguas modernas com a mesma significação, porque nelas não existe a “quantidade vocálica”. Esses termos passaram a ser visto em relação à acentuação tônica.

### AVALIAÇÃO CRÍTICA E CONCLUSÃO

Os gramáticos romanos retomam e continuam os trabalhos gregos. Varrão (século II a.C.), autor de volumosa descrição da língua latina, testemunha a influência fecunda de todas as escolas gramaticais gregas, Donato e Prisciano (século V) codificarão a gramática latina para a posteridade, já determinando em grande parte a forma de nossos manuais. Paralelamente se desenvolve uma teoria retórica cuja influência há de perpetuar-se até o século XIX.

A lingüística histórica do século XIX, embora tenha reconhecido a especificidade dos fatos diacrônicos, foi levada progressivamente a reabsorver a sincronia na diacronia. É o caso dos neogramáticos, segundo os quais um conceito de lingüística sincrônica só possui um sentido na medida em que pode ser interpretado em termos diacrônicos.

Aristóteles deixou o primeiro tratado sistemático e nenhum outro texto pode comparar-se, quanto à importância histórica, à sua *Poética*; de uma certa maneira, toda a história da *Poética* não passa da reinterpretação do texto aristotélico, mais que um livro, são notas para um curso, notas que comportam ao mesmo tempo lacunas e passagens ininteligíveis; mas Aristóteles visa explicitamente à constituição de uma teoria geral da Literatura.

A partir do século VII – e sobretudo no século VIII – as línguas românicas começam a firmar-se, adquirindo estrutura própria e deixando ao latim o papel de língua eclesiástica e de comunicação entre as camadas mais cultas da sociedade. O latim, além de ser empregado em obras especificamente religiosas, foi utilizado ainda em algumas obras literárias, a exemplo dos poemas de Gottschalk e das comédias da monja Roswitha, inspiradas nas de Terêncio, em discursos e sermões como os de Abelardo e nos textos filosóficos e científicos que atravessaram a Idade Média, projetando-se nos tempos modernos – textos de Santo Tomás de Aquino, Thomas More, Francis Bacon, Descartes, Spinoza, Leibnitz e outros.

Observamos nas figuras, como se pode notar, o aspecto estilístico que importa bastante, não necessariamente a persuasão. Muitos autores usaram Homero para trabalhar figuras. Aristóteles e Platão consideraram a gramática “a ciência do ler e escrever”.

Conclui-se pois, enquanto a gramática considera o sistema, põe em relevo a técnica do lingüístico na sua funcionalidade objetiva, seus valores morfológicos, lexicais e sintáticos; a Retórica considera a face subjativa do ato lingüístico.

A significação estilística das figuras é aparente na restrição vocabular, sob a forma de repetição, que consegue ser transformada num recurso de estilo.

Note-se pelo exemplo do Pe. António Vieira: “O primeiro remédio é o tempo. **Tudo** cura o tempo, **tudo** faz esquecer, **tudo** gasta, **tudo** digere, **tudo** acaba<sup>1</sup>”. Ainda no Sermão da Quinta Dominga da Quaresma: “*Tudo acaba a morte, tudo se acaba com a morte, até a mesma morte*”. A expressão repetida acentua o caráter estrófico rítmico, chama para ele a atenção do leitor em quem desperta a sensação da presença do objeto do discurso.

Pelo processo da reiteração, os termos implicados exibem, transmitem, um sentido próprio e outro um sentido figurado, com tal força, que vão além do efeito argumentativo.

A teoria clássica da figura como desvio, confunde visivelmente diacronia e sincronia: qualquer que tenha sido a origem da linguagem, o fato é que em seu emprego, num determinado momento, certas expressões são percebidas como figuradas, outras não. A questão da figura deve encontrar primeiramente uma solução sincrônica, para que seja inteligível e não cause confusão.

Concluimos como inadequada idéia de que todas as figuras possam ser reduzidas a um único princípio. As retóricas clássicas distinguem habitualmente os “tropos”, ou figuras com “mudança de sentido”, das outras, que são as figuras propriamente ditas. E certas teorias permitem explicar os tropos sem incluir as figuras.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA Jr., J.M. *Dicionário de Filologia e Gramática*. 2ª Ed., São Paulo: J.OZON +Editor. 1964.

CHARLIER, F.D. *Bases de Análise Lingüística*. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1981.

---

<sup>1</sup> VIEIRA, Pe. António. “Sermão da Quinta Dominga da Quaresma”. In: *Os Sermões*. Seleção com ensaio crítico de Jamil Almansur Haddad, São Paulo, Ed. Melhoramentos, s/d, p. 265.

- COUTINHO, I.L. *Pontos de Gramática Histórica*. 5ª Ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, C. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª Ed., S. Paulo: Nova Fronteira, 1993.
- ILARI, R. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.
- OITICICA, J. *Roteiro em Fonética Fisiológica, Técnica do Verso e Edição* Rio de Janeiro: Ed. Organização Simões, 1955.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.